A RELEVÂNCIA DA PERSPECTIVA POLÍTICA DE CURRÍCULO, DA COLABORAÇÃO INTERCULTURAL E DA EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA NA CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE DEMOCRÁTICO NA ESCOLA

Luísa Maciel Ferreira-1

1-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Este trabalho é resultado da experiência pedagógica em uma escola pública de formação docente que se iniciou no ano de 2010. A minha inserção no ano de 2012, foi uma oportunidade no sentido de começar a pesquisar e compreender as transformações, assim como os desafios da formação docente.

Quando iniciei minhas atividades no Projeto "Iniciação à docência: qualidade e valorização das práticas escolares - Ensino Médio", do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UNIRIO, o grupo com o qual iria trabalhar já havia escolhido a metodologia a ser utilizada, que seria realizar debates sobre temas sugeridos pelos estudantes, estaríamos presentes apenas com a função de mediar esse processo e ao fim dos debates eles escreveriam suas impressões ideias e opiniões sobre o encontro. Nosso subprojeto trabalharia especificamente com as turmas de primeiro ano, levando em conta a necessidade que esses estudantes, recém-saídos do Ensino Fundamental, teriam de desenvolver a capacidade de se expressar e formular opiniões tanto oralmente quanto na escrita.

Em nosso primeiro encontro, inicialmente, realizamos uma apresentação e pedimos também que cada um falasse um pouco sobre o que seria ser professor para ele(a), depois pedimos que escrevessem sobre o que para eles seria "ser professor", registros esses que nos rendeu relatos impressionantes sobre o pensar desses estudantes e no fim, assim como fazíamos ao final de cada encontro, realizamos uma enquete em que a turma decidiu qual seria o tema a ser discutido no encontro seguinte. Essa forma de seleção dos conhecimentos a serem discutidos leva em consideração a perspectiva política de currículo de Michael Apple citada por Tomaz Tadeu da Silva (2007, p. 47):

"Nos modelos tradicionais, o conhecimento existente é tomado como dado, como inquestionável. [...] os modelos técnicos de currículo limitam-se à questão do "como" organizar o currículo. Na perspectiva política postulada por Apple, a questão importante é, ao invés disso, a questão do "por que". [...] E para evitar que esse "por que" seja respondido simplesmente por critérios de verdade e falsidade, é extremamente importante perguntar: "trata-se do conhecimento de quem?""

Nosso objetivo era justamente este, tratar dos conhecimentos dos estudantes, não dos nossos, tampouco os conhecimentos socialmente estabelecidos como importantes, mas sim que os conteúdos de nossos debates abrangessem os conhecimentos realmente significativos para esses estudantes e estivessem totalmente de acordo com suas experiências, dúvidas e angústias. Nossa intenção não era validar ou condenar nenhum conhecimento, opinião ou experiência e sim que estes pudessem ser colocados em debate, tendo por base a perspectiva de "colaboração intercultural" destacada por Miranda (2009, p.112), conforme esta autora, "a colaboração intercultural se constitui como a possibilidade de insurgência e promoção do debate sobre os prejuízos trazidos por uma perspectiva monolítica, por uma transmissão cultural unívoca, machista e, portanto, colonial". Ainda segundo a autora, as diferentes ideias e opiniões presentes em um ambiente escolar, por muito tempo, foram abafadas pelo ideal de igualdade que norteava a cultura escolar, mas quando permitimos que haja uma "colaboração intercultural", permitimos que essas diferentes vozes estejam presentes em um ambiente.

A partir de então, cada turma enveredou por um caminho diferente, pois como nosso currículo ia sendo definido a cada encontro e, ainda, pelos interesses e curiosidades dos integrantes daquele grupo, cada turma demonstrava querer debater sobre assuntos diversos e assim íamos discutindo temas como: Rio+20, sustentabilidade e consumismo, redes sociais – benefícios e prejuízos, gravidez precoce e métodos contraceptivos, DST's e prevenção, Marcha das Vadias, Marcha da Maconha, homossexualismo, entre outros assuntos

que perfilam os acima citados, que surgiam e permeavam os debates.

Nós atuávamos levando informações sobre o assunto, como dados e estatísticas, apresentando vídeos sobre o tema, contando o contexto histórico que levou àquele fato ou desconstruindo alguma teoria que haviam formulado sobre o tema para que olhassem por um outro ângulo. Exercendo o conceito de "educação problematizadora", de Paulo Freire citado por Tomaz Tadeu da Silva , o qual diz que todos os participantes, educandos e educadores, devem ter a mesma importância neste processo. Pois, ainda segundo Tomaz Tadeu da Silva, Freire acredita que o conhecimento ocorre nos momentos de troca entre sujeitos, pois "conhecer envolve intercomunicação, intersubjetividade. [...] É essa intersubjetividade do conhecimento que permite a Freire conceber o ato pedagógico como um ato dialógico." (idem, p. 59). Estávamos, assim, fomentando espaços e ambiências dialógicos.

Os impactos do projeto foram muitos. Aprendi com o equilíbrio, desta vez por parte de muitos dos participantes, inclusive em momentos de desafios quando ouvi de um deles sobre a sua adesão à Marcha da Maconha, um assunto tão rodeado por mitos e tabus e que não suscitou nenhum tipo de ofensa de nenhum integrante do grupo, nenhum outro estudante presente recriminou sua atitude, e sim respeitou sua opinião. Mesmo tendo ficado claro por parte de muitos outros participantes que não eram adeptos desse movimento e que não concordavam com seus ideais. Através desses estudantes também conheci mais sobre a minha cidade e sobre os movimentos emergentes nos grandes centros urbanos, pois seus olhares, recortes sobre a nossa cidade me mostraram outra forma de ver os lugares onde sempre passo e onde vivo, além de me apresentarem movimentos populares, como a Marcha das Vadias, a qual eu ainda não tinha conhecimento e que é um movimento de repercussão mundial.

Esses discursos dos estudantes que podem ser riquíssimos tanto para os educadores, o papel o qual eu e minhas companheiras de graduação estávamos exercendo, quanto para os próprios estudantes, são invisibilizados no cenário educacional vigente em que predomina a "educação bancária", definida como "uma visão epistemológica que concebe o conhecimento como sendo constituído de informações e de fatos a serem simplesmente transferidos do professor para o aluno." (SILVA, 2007, p. 58). A partir desta experiência, concluo que temos muito mais a ganhar e oferecer ao promover ambientes de troca, espaços democráticos, onde seja possível a todos expressarem suas opiniões e ideias, para que haja uma efetiva construção de conhecimentos relevantes não só para os que ditam o currículo, mas também para aqueles aos quais o currículo é feito, os estudantes.

Área: Educação; Formação docente

Palavras-chave: perspectiva política de currículo, colaboração intercultural, educação problematizadora